



---

## O RÁDIO COMO INSTRUMENTO POLÍTICO<sup>1</sup>

### *Uma junção do “coronelismo eletrônico” com a indústria cultural*

Fabiola Mendonça de Vasconcelos<sup>2</sup>

**Resumo:** Não raramente alguns autores do campo da comunicação vinculam os políticos concessionários de radiodifusão ao termo coronelismo eletrônico. É o caso do deputado federal Inocêncio Oliveira (PR-PE), que tem entre as empresas de seu grupo, a concessão da TV Asa Branca, no município de Caruaru, e as rádios A Voz do Sertão, Líder do Vale e Transertaneja, todas instaladas no sertão pernambucano. Este artigo - parte de uma pesquisa mais ampla sobre as empresas de radiodifusão do parlamentar - relata a trajetória das três rádios do deputado, as negociações que se deram no momento da liberação das outorgas, bem como a possível utilização dos veículos para atender os interesses políticos de Inocêncio Oliveira.

**Palavras-Chave:** Coronelismo eletrônico. Radiodifusão. A voz do Sertão. Transertaneja. Líder do Vale

---

Embora componha um dos setores da indústria cultural por estar entre os veículos de comunicação da radiodifusão, o rádio passou por transformações consideráveis depois da implantação da televisão no Brasil. “O surgimento da televisão no Brasil, em 1950, anunciava o fim do glamour da Era do Rádio, que passaria ao ostracismo interiorano, restando o novo meio como forma de entretenimento e informação para as metrópoles (CRUZ, BARROS e TAVARES, 2000, p. 33). O ostracismo interiorano do rádio sugerido pelos autores caiu como uma “luva” para os políticos, sobretudo para aqueles com base em municípios de pequeno porte, que passaram a utilizar o rádio como instrumento eleitoral.

Nesse cenário, o deputado federal Inocêncio Oliveira (PR-PE) não hesitou em cair em campo para conseguir uma concessão de rádio. Logo no início da sua vida

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho 2010

<sup>2</sup> Universidade Católica de Pernambuco. [fabiolamendonca@hotmail.com](mailto:fabiolamendonca@hotmail.com) / [fabiolamendonca@gmail.com](mailto:fabiolamendonca@gmail.com)



pública – foi eleito deputado federal pela primeira vez em 1974 –, o parlamentar recebeu, em 1977, no governo do presidente militar Ernesto Geisel, a outorga de um canal de rádio em Serra Talhada, A Voz do Sertão, de frequência AM. Foi a primeira de uma série de três rádios que o deputado tem, ainda hoje, no Sertão pernambucano: a Líder do Vale e a Transertaneja, ambas de frequência FM. Essa ligação do deputado com a radiodifusão tem lhe rendido o título de coronel eletrônico, assim como outros vários políticos-radiodifusores – a estimativa é de que pelo menos 10% dos 513 deputados federais e 30% dos 81 senadores têm concessão de rádio e/ou televisão -, a exemplo dos senadores José Sarney, no Maranhão, e Fernando Collor de Melo, em Alagoas.

Mas o termo coronelismo eletrônico, uma adaptação feita pelos pesquisadores do campo da comunicação ao conceito de coronelismo histórico - definido por Victor Nunes Leal, no livro *Coronelismo Enxada e Voto* -, ao que parece, não se sustenta dentro do rigor conceitual exigido pelo campo acadêmico. No entanto, é válida a preocupação dos pesquisadores, que enxergam no político radiodifusor um poder redundante, já que além de ter o controle de uma empresa de comunicação, que aliás se dá através de uma concessão pública, ainda detém o mandato eletivo, o que o coloca em uma situação privilegiada e assimétrica em relação à maioria da população. Dessa forma, o termo coronelismo eletrônico se dá, ao que parece, de forma metafórica e, nesse caso, sem o rigor acadêmico.

Não foi identificado o uso político das emissoras; ao contrário, percebeu-se o interesse comercial dos gestores das empresas. A constatação, todavia, não anula nem desconstrói as reflexões sobre o poder ampliado dos políticos radiodifusores, argumentos apresentados pelos pesquisadores que estudam o coronelismo eletrônico. Os políticos radiodifusores, ao controlar concessões de radiodifusão, concentram o poder político e o controle da informação. Porém, muito mais do que isso, eles detêm o poder econômico, porque essas empresas primeiramente atendem à lógica das indústrias cult

Para o gerente das três rádios do deputado, Marcos Oliveira, Inocêncio Oliveira já demonstrava prestígio naquela época. Segundo afirmou, estiveram na inauguração da rádio vários líderes políticos regionais e estaduais, como o senador Marco Maciel, que na época era governador de Pernambuco. Segundo Marcos Oliveira, A Voz do Sertão foi o primeiro veículo de comunicação a cobrir toda a região do Sertão pernambucano. A Voz do Sertão entrou no ar no dia 8 de janeiro de 1978. O ato da concessão foi assinado pelo Ministério das Comunicações em 10 de maio de 1977 e publicado no



Diário Oficial no dia seguinte. Segundo consta no site do Ministério das Comunicações, em junho de 1988, o governo federal autorizou a renovação da concessão da emissora, onze anos depois da liberação da outorga. É importante fazer uma observação sobre o interesse de Inocêncio Oliveira pelos veículos de comunicação. Logo depois da instalação da primeira rádio, o deputado criou um jornal impresso, que funcionava no mesmo local de A Voz do Sertão. O informativo circulou na região por um período de quatro a cinco anos, segundo o jornalista Magno Martins, que ficou por um curto tempo responsável pelo jornal:

Era o Tribuna do Sertão. Ele (Inocêncio) me convidou para fazer esse jornal. E eu fiz um jornal voltado para a região, falando sobre o problema da região, a indústria da seca (...). Um jornal polêmico que ainda aguentou três edições. E ele (Inocêncio) não pagou. Eu fui cobrar na casa dele, ele estava na fazenda nesse dia. Ele deu um chilique, um chilique horrível. Era um jornalzinho com oito páginas. Da primeira à última tinha foto dele. Então eu tirei logo. Tirei logo a foto dele da primeira página. Deixei uma só em toda a edição. Ele não gostou. (...) A vaidade não suportou, não (MARTINS, 2009).

Depois de controlar por mais de dez anos A Voz do Sertão, Inocêncio expandiu sua rede, adquirindo a concessão de mais duas rádios, dessa vez FM, uma em Serra Talhada, em 1988, e outra em Afogados da Ingazeira, em 1989. Com a mesma razão social – A Voz do Sertão –, as novas rádios têm como nomes de fantasia Líder do Vale e Transertaneja, respectivamente. O ato da concessão da primeira foi assinado pelo Ministério das Comunicações em 14 de junho de 1988 e publicado no Diário Oficial da União (DOU) no dia seguinte. Coincidentemente, foi nesse período que entrou em votação a emenda constitucional para ampliar de quatro para cinco anos o mandato do então presidente da República, José Sarney. A concessão da Transertaneja veio na sequência. O então Ministério das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, assinou o ato em 20 de outubro de 1989, publicado no Diário Oficial no dia 24 do mesmo mês. Como a Constituição já havia sido promulgada e as novas concessões precisaram da apreciação do Congresso, a liberação da outorga da Transertaneja passou pela Câmara dos Deputados em 1991. Os parlamentares aprovavam a matéria em 1º de outubro, sendo publicada no Diário Oficial no dia seguinte. É interessante lembrar que a legislação de radiodifusão determina que a concessão de rádio é válida por dez anos e a de televisão, por quinze anos. Passados esses prazos, a concessão precisa ser renovada para que a emissora continue a funcionar dentro dos preceitos legais.



Nesse caso, considerando a atualização do Ministério das Comunicações – esta pesquisa acessou o site em 17 de junho de 2009 –, as concessões das três rádios de Inocêncio Oliveira estão vencidas. A Voz do Sertão venceu em 1997, estando irregular há quase 13 anos. A concessão da Líder do Vale venceu em junho de 1998 e a da Transertaneja está vencida desde outubro de 2001. Não há pedido de renovação da concessão, pelo menos no site do Ministério das Comunicações. Ao contrário, consta nos dados disponíveis o termo “Situação: entidade devedora (não bloqueada)”.<sup>3</sup> Segundo dados da Junta Comercial de Pernambuco (Jucepe), constam como sócios das rádios Inocêncio, com 56% das ações, sua esposa, Ana Elisa Nogueira, com 43%, e Shely Oliveira, filha do casal, com apenas 1%. Ou seja, diferentemente da TV Asa Branca<sup>4</sup>, que, além de Inocêncio Oliveira conta com dois outros sócios, 100% do controle das rádios estão nas mãos do Grupo Inocêncio.

Como aconteceu com a concessão da TV Asa Branca, a liberação das outorgas da Líder do Vale e da Transertaneja se deu no final do governo Sarney, no período conhecido como “farras das concessões”. Como deputado constituinte, Inocêncio Oliveira votou a favor do quinto ano de mandato de Sarney e do presidencialismo como sistema de governo, outra matéria que os pesquisadores indicam como de interesse do governo e cuja aprovação foi utilizada como moeda de troca com os parlamentares constituintes. Em fevereiro de 1989 – oito meses depois de receber a concessão da Líder do Vale e oito meses antes da concessão da Transertaneja –, o parlamentar arquivou o relatório da CPI da Corrupção que apurava irregularidades no governo Sarney, conforme afirma o pesquisador Paulino Motter (1994), autor da pesquisa *A batalha invisível da Constituinte – Interesses versus caráter público da radiodifusão no Brasil*.

O relatório da CPI da Corrupção acabou arquivado pela Câmara dos Deputados, em 12 de fevereiro de 1989, por determinação do seu presidente em exercício, Inocêncio Oliveira (PFL-PE). O presidente da Câmara, Paes de Andrade, estava respondendo interinamente pela Presidência da República em função da viagem de Sarney ao Japão, onde fora acompanhar o enterro do imperador Hiroito. Durante o período do governo Sarney, Inocêncio ganhou a permissão da rádio A Voz do Sertão (FM), em Serra Talhada (PE), outorgada em 15 de junho de 1988 (MOTTER, 1994, p. 45).

<sup>3</sup> Conforme consta em <<http://sistemas.anatel.gov.br/srd/Consultas/ConsulgasGeral/Tela.asp?hdnImprimir=true>>.

<sup>4</sup> A TV Asa Branca está instalada nos municípios de Caruaru, Agreste Pernambucano, chegando em 108 municípios do Estado e tendo como sócios o grupo Inocêncio e os empresários Luís de França e Vicente Jorge Espíndola.



Com esses dados talvez fique fácil entender o porquê de muitos pesquisadores acusarem o deputado de coronel eletrônico. Com exceção da rádio AM, que foi outorgada pelos militares, as três outras empresas de radiodifusão de Inocêncio Oliveira foram concedidas durante e na sequência da “farra das concessões” do governo Sarney: a Líder do Vale em 1988, a Transertaneja em 1989 e a TV Asa Branca em 1990. Essas três concessões foram liberadas pelo presidente Sarney. Quanto à rádio A Voz do Sertão AM, não é sabido ao certo como se deu a negociação, mas é importante destacar que Inocêncio Oliveira tem sua origem na Arena, partido que deu sustentação ao regime militar. É relevante observar também o perfil governista do parlamentar, que sempre apoiou o governo de plantão.

Sobre a utilização política das rádios, parece ser mais evidente do que na TV Asa Branca, embora o trabalho empírico não confirme 100% esse perfil. O gerente das três rádios, Marcos Oliveira, resistiu em admitir o uso político das emissoras, mas depois reconheceu, ressaltando, no entanto, que, depois que Shirley Oliveira, filha do deputado, assumiu a direção das empresas do grupo<sup>5</sup>, essa prática foi reduzida. “O lado político às vezes é difícil de controlar. Não é fácil gerenciar uma rádio de político porque às vezes você tem que atender a um, atender a outro (...). Mas a gente tenta praticamente o impossível” (OLIVEIRA, 2009). Sobre a aparição do deputado na programação da rádio, o gerente afirma que o cunho é sempre jornalístico:

Quando tem alguma emenda que ele (Inocêncio) coloca lá (na Câmara dos Deputados) que beneficia a cidade, não só Serra Talhada como a região, ele pede para colocar uma nota para ser divulgada, alguma coisa assim (...). E quando ele traz alguma coisa, faz assinatura de alguma obra, a rádio acompanha, mas nada assim exagerado. Faz de forma bem profissional para não ficar aquela coisa, deixar as pessoas imaginarem que a emissora é dele. A gente faz de uma forma bem jornalística mesmo, bem imparcial para não predominar aquilo que está a serviço dele. Está a serviço da comunidade, está a serviço da sociedade. Já foi diferente. Tinham locutores que falavam, citavam nomes. “É deputado que cresce com a verdade, com a região”. A gente via muito isso, aquela alusão. Hoje é diferente. (...) Hoje tem de forma jornalística. Saiu uma matéria do deputado no jornal, coloca um informe jornalístico. Existia no popular aquela “babação”. Hoje é muito profissional. Ele sabe quem são os profissionais daqui. Ele entende, ele não é de cobrar isso.

---

<sup>5</sup> Além das rádios e da televisão, o Grupo Inocêncio conta com outras empresas como concessionárias de moto, hospital e fazendas de gado. Para mais informações ver *pesquisa Coronelismo Eletrônico ou Indústria Cultural? Uma análise das empresas de radiodifusão do deputado Inocêncio Oliveira*, disponível na Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco, de autoria de Fabíola Mendonça de Vasconcelos.



Político sempre gosta de ser lembrado e falado, mas ele nunca foi de cobrar esse formato, não (OLIVEIRA, 2009).

Shirley Oliveira diz que quando assumiu a administração empresarial do Grupo Inocência, em 2001, “poucas empresas estavam sendo administradas corretamente. Faltava a satisfação dos colaboradores, bem como a remuneração dos sócios” (OLIVEIRA, S., 2009). Com formação em administração de empresas e pós-graduação em gestão de pessoas, ela lembra que, no início:

Apareceram muitas solicitações políticas. Na grande maioria das vezes a solicitação eram negadas por mim. Com o tempo, percebendo que eu não cederia às solicitações de cunho político, esses pedidos praticamente cessaram. Quando me perguntam o porquê da negativa informo que a legislação atual não permite tais propagandas, com exceção das político-partidárias autorizadas pelo governo. Hoje a entrada de políticos nas rádios fica restrita a gravações de programas de entrevistas e ao uso do nosso estúdio para gravação de algum tipo de propaganda que poderá ser disseminada via carros de som. Na TV, o tratamento é absolutamente igual para todos, independentemente de posição política. Nas rádios, a minha orientação também é para que haja isenção e todos os políticos de qualquer partido sejam tratados isonomicamente (OLIVEIRA, S., 2009).

A dificuldade do grupo político em influenciar na programação das rádios depois que Shirley assumiu o comando das empresas foi evidenciada pelo deputado estadual Alberto Feitosa (PR), ligado a Inocência Oliveira:

Uma vez eu pedi a ele para, acho que foi (para) o vereador de São Bento do Una. Ele disse: “Ligue para o editor, que é o editor-chefe e vai avaliar”. Ele não abre muito a guarda nesse sentido. (...) Agora mesmo a gente quis fazer uma campanha de entrevista e a pessoa que estava fazendo isso para gente disse: “Mas ele tem essa rádio...” Então eu fui falar com ele e ele disse “de jeito nenhum”, que eu falasse com Shirley. Se Shirley fizesse, ia ser igual para todas as outras. (...) Realmente, tudo é com Shirley, com os gerentes. Ele não interfere mais. Esse negócio dele é um prejuízo enorme. Se ele cortou é porque deu um prejuízo enorme. A parte desse negócio ela hoje administra mesmo (FEITOSA, 2009).

O radialista Evandro Lira, com atuação profissional em Serra Talhada, mas sem nunca ter trabalhado para Inocência Oliveira, afirma que as rádios do deputado não se diferenciam de qualquer outra rádio comercial. O radialista trabalhou por mais de um ano na Rádio Cultura de Serra Talhada, principal concorrente de A Voz do Sertão. Segundo disse, quando o parlamentar aparece na programação das rádios é em formato



jornalístico, sempre ressaltando alguma obra que “leva” para a região. “Ele (Inocêncio) é um mal necessário. Ele consegue muita coisa para a região” (LIRA, 2009).

Durante o trabalho empírico, quando a autora desta pesquisa acompanhou<sup>6</sup> pela internet a programação das três rádios, em nenhum momento foi veiculada alguma entrevista ou até mesmo nota sobre Inocêncio Oliveira. No entanto, no site de A Voz do Sertão, algumas vezes foram identificadas chamadas com notícias relacionadas ao deputado e/ou ao seu grupo político. Também foi observado que no período natalino, em dezembro de 2009, as rádios veicularam uma mensagem de final de ano assinada pelo parlamentar. Outra constatação foi que, mesmo sem entrar no noticiário, as três rádios estão sempre lembrando o nome do deputado, quando, nos intervalos comerciais, jogam uma vinheta dizendo que a rádio “faz parte do Grupo Inocêncio Oliveira”. As emissoras também disponibilizam boa parte do seu espaço publicitário para propaganda das empresas do deputado, como, por exemplo, a propaganda de uma concessionária de moto Honda.

Os dados mostram que, ainda que de forma sutil, existe um cuidado em reforçar o grupo Inocêncio através dessas rádios, o que evidencia o uso político das emissoras. Mesmo assim, talvez seja precipitado afirmar que as rádios de Inocêncio dão expressão ao coronelismo eletrônico. Ao que parece, antes de instrumentos eleitoreiros, as emissoras são empresas. Como já ressaltado por Evandro Lira, a programação das rádios do Grupo Inocêncio Oliveira não se diferencia da programação das rádios comerciais. Também como as rádios comerciais, as emissoras de Inocêncio têm seus interesses políticos, ideológicos, econômicos, culturais e sociais – elementos que não estão sendo analisados neste artigo.

Em A Voz do Sertão, a parte jornalística é composta por notícias que pautam o dia a dia da população, como acontece em qualquer veículo de comunicação. Durante a pesquisa, inclusive, foi identificada uma matéria que destacou o grupo político de Augusto César, inimigo político de Inocêncio Oliveira em toda a região do Sertão. No dia 24 de novembro de 2009, o programa Tribuna Popular de A Voz do Sertão veiculou uma entrevista ao vivo com José Bezerra, que acabara de assumir a Diretoria de Trânsito de Serra Talhada. José Bezerra é ligado a Augusto César. A matéria não se limitou a falar dos problemas de trânsito e fez várias perguntas sobre os projetos políticos do grupo de Augusto César.

---

<sup>6</sup> Diante da dificuldade de acompanhamento pela internet, a observação acontece de forma aleatória e não sistematizada.



Segundo Marcos Oliveira, depois que Shirley Oliveira assumiu o comando das empresas, as rádios mudaram de perfil, aproximando-se mais da lógica empresarial. A partir daí, conforme disse Marcos Oliveira, o caráter jornalístico foi priorizado na rádio AM e as FMs ficaram mais voltadas para a programação musical. A Voz do Sertão AM tem parceria com a Rádio Jornal do Commercio, do Recife, retransmitindo, desde 2006, parte da programação da emissora, líder de audiência em Pernambuco. Entre 7h30 e 9h, a rádio retransmite o programa *Primeira Página*, com o comunicador Geraldo Freire, e entre 12h e 14h e 18 e 19h entra em rede novamente com a Rádio Jornal retransmitindo a resenha esportiva. No restante da programação, a Voz do Sertão prioriza o noticiário local. No decorrer da programação, algumas entrevistas que foram ao ar pela manhã no programa de Geraldo Freire, ou mesmo durante a resenha esportiva, são reproduzidas na programação da tarde. Foi o que aconteceu no dia 29 de dezembro de 2009, quando A Voz do Sertão repetiu à tarde uma entrevista do secretário de Ressocialização de Pernambuco, Humberto Viana, que falou sobre a liberação de presos para passar o Natal com a família. A entrevista foi veiculada ao vivo na *Primeira Página* e reproduzida na programação da tarde. Segundo Shirley Oliveira, o contrato com a Rádio Jornal é de parceria, mas no site da emissora consta que ela é afiliada da Rádio Jornal, o que foi definido por Shirley como um “mal-entendido”.

Na Líder do Vale e na Transertaneja, a programação é basicamente musical. “Quando tratamos de notícia, jogamos mais para a AM, deixando as FMs mais para música. Somente aqueles noticiários de hora em hora ou alguma coisa extra a gente joga na FM” (OLIVEIRA, 2009). As duas rádios têm mais o perfil popular, com um repertório que vai do brega ao axé. A Líder do Vale, de vez em quando, chega a tocar rock nacional ou MPB, mas não existe um programa de valorização à cultural local.

A programação das rádios A Voz do Sertão AM, Líder FM e Transertaneja é própria. Portanto, todos os programas são produzidos pelos radialistas contratados pelas emissoras de rádio do nosso grupo. Não existe um programa exclusivo, dedicado aos artistas da região. Tais artistas poderão ser tocados em qualquer programa, desde que apresentem um CD gravado em estúdio. Depois de tocados, havendo pedidos, via telefone e e-mail, para tocá-los novamente, nós atendemos. Ou seja, o ouvinte é quem manda na programação e nas músicas que quer ouvir, para que a emissora tenha competitividade. O principal critério é a satisfação do ouvinte. A programação é feita por radialistas da região, que conhecem os hábitos da audiência. Além disso, periodicamente é feita pesquisa com ouvintes nas





ruas para sabermos o perfil dos nossos ouvintes, bem como pesquisa sobre os índices de audiência das rádios na cidade (OLIVEIRA, S., 2009).

Marcos Oliveira lembra o período de implantação da Líder do Vale. Ele explica que, no primeiro mês, a emissora só entrava no ar por duas horas, entre 14h e 16h, porque estava na fase de experiência e para fazer ajustes nos equipamentos. O gerente destaca uma dificuldade enfrentada pelos radialistas da região, que recebem piso salarial diferenciado em relação a outros municípios. Segundo afirma, há três pisos em Pernambuco. No primeiro se enquadram os profissionais que trabalham no Recife e Região Metropolitana; no segundo, os profissionais de municípios de médio porte, como Caruaru, Petrolina e Garanhuns; e no terceiro os profissionais de municípios de pequeno porte. O hoje gerente das emissoras começou na rádio A Voz do Sertão como estagiário de áudio, em 1989, depois passou para locução e, em seguida, foi transferido para o setor de vendas, de onde foi promovido a gerente da Transertaneja, absorvendo depois a administração de A Voz do Sertão e da Líder do Vale. Ele divide a gerência das rádios com a presidência da Associação de Rádio e Televisão de Pernambuco (Asserpe).

Com 46 anos de experiência em rádio, o radialista Willamar Alves da Silva também acompanhou de perto a instalação da Líder do Vale. Ele foi convidado por Inocêncio Oliveira para implantar a segunda rádio do parlamentar. Na época, trabalhava na Rádio Meridional, no município de Garanhuns, no Agreste pernambucano. Durante uma semana, o radialista se transferiu para Serra Talhada, tempo suficiente para colocar a Líder do Vale no ar. Ele lembra as dificuldades na época e diz que, ao instalar a FM, o deputado aproveitou a estrutura já existente de A Voz do Sertão, a AM. No lançamento, segundo o radialista, houve um show da banda de forró Acisão. Sobre a programação, ele introduziu, a cada uma hora, um bloco de notícias, os chamados “ligeirinhos”, com vinhetas.

Em entrevista por telefone à autora desta pesquisa, Willamar declarou que o deputado não tinha retorno financeiro com as rádios e chegava a “tirar dinheiro do bolso” para cobrir o prejuízo delas. Ele falou também da dificuldade de trabalhar em emissora de políticos. “Rádio só dá certo se não tiver um político lá dentro. A não ser que se tenha carta branca por escrito para fazer o rádio sem interferência política, como



ele deve ser” (SILVA, 2009). O radialista disse que Inocêncio já chegou a lhe oferecer um horário para arrendamento da rádio, mas ele negou.

Agradei, mas disse que não tinha interesse. Já arrendei rádio de um político, do deputado José Mendonça, em Santa Cruz do Capibaribe, e não dá certo. Os aliados políticos acham que podem entrar a qualquer momento da programação. O deputado não conseguia conciliar. E não se pode dizer nada. O interesse é mais político do que ganhar dinheiro. O deputado tem que dar espaço. Os aliados usam, pedem espaço. E o deputado vai dizer não, para perder os votos? Quando o político não é ouvido, não é votado. Usam a rádio para conseguir projeção política (SILVA, 2009).

Shirley Oliveira confirma a informação de que o deputado Inocêncio chegou a ter prejuízo com as rádios.

Por várias vezes o senhor Inocêncio Oliveira fez aporte de capital nas rádios, como sócio da empresa. Tais atitudes ocorreram durante administrações anteriores de qualidade discutível. Lembrando que o cenário é uma pequena cidade do Sertão de Pernambuco. Inocêncio Oliveira, que é político, e não mais comerciante ou médico, preferia injetar dinheiro de outras empresas do grupo superavitárias do que ver uma das empresas do Grupo Inocêncio Oliveira falir. Mesmo com os constantes investimentos em máquinas e equipamentos, a rádio A Voz do Sertão é uma empresa que “se paga”, conforme administrativamente planejado para o período (OLIVEIRA, S., 2009).

No dia 30 de dezembro de 2009, dentro da programação de A Voz do Sertão, foi realizado um sorteio entre os ouvintes com a participação de vários políticos apresentados como “parceiros”, entre eles o presidente da Câmara Municipal do Recife, Múcio Magalhães (PT). Na ocasião, foi divulgada uma pesquisa em que duas das três rádios de Inocêncio Oliveira aparecem como líderes de audiência na região. A Líder do Vale lidera o ranking, com 35%, e A Voz do Sertão ocupa a terceira colocação, com 9%. A autora desta pesquisa tentou ter acesso ao balanço financeiro das rádios, mas não obteve sucesso. “Tais informações são sigilosas, já que não somos S.A. de capital aberto” (OLIVEIRA, S., 2009).

Muito longe de ser conclusivo, este artigo, que faz parte de uma pesquisa mais ampla de mestrado desta autora, reconhece o poder que tem um político radiodifusor. Mas, entende que para além de estudar a existência ou não do coronelismo eletrônico, é preciso aprofundar o debate sobre a democratização da comunicação a partir da participação social nas políticas de comunicação da radiodifusão, sobretudo nas



outorgas que estão sob o controle da classe política, que são concessões públicas e deveriam estar a serviço da sociedade e não aos interesses da elite política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A INDÚSTRIA da miséria. **Veja**, 21 de abril de 1993, p. 16-17.

AS CULPAS de um certo Inocêncio. **Veja**, 31 de janeiro de 1993, p. 24-26.

BASTA um dia. **Veja**, 10 de fevereiro de 1993, p. 25.

BAYMA, Israel. **A concentração da propriedade de meios de comunicação e do coronelismo eletrônico no Brasil**. Brasília: Bancada do PT na Câmara dos Deputados, 27 de novembro de 2007.

\_\_\_\_\_; BRITO, Valério Cruz (orgs.). **Rede Globo – 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo, Paulus, 2005.

CALDAS, Graça. **O latifúndio no ar – Mídia e poder na Nova República**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

CAPPARELLI, Sérgio; SANTOS, Suzy dos. Coronelismo, radiodifusão e voto: A nova face de um de velho conceito. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César (orgs.). **Rede Globo – 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Comunicação de massa sem massa**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1986.

\_\_\_\_\_; LIMA, Venício A. de. **Comunicação e televisão – Desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.

\_\_\_\_\_. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CARTÓRIOS eletrônicos. **Veja**, 25 de julho de 1990, p. 34-36.

CARVALHO, Augusto César. **Entrevista concedida a Fabíola Mendonça de Vasconcelos**. Recife, 30 de abril de 2008.

SENADO FEDERAL. **Constituição Federativa do Brasil**. Texto promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília, 2006. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>>. Acesso em: 14 abr. 2009.

COSTA, Sylvio. **Dossiê das concessões de TV**. Série de reportagem do Correio Braziliense reproduzida 1997 e publicada pelo Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mat2008d.htm>>. Acesso em: 21 set. 2006.



CRUZ, Ari Luiz; BARROS, Darcier; TAVARES, Dirceu. **Razão e comunicação – Elementos de uma identidade nacional**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

DE OLHO nas urnas. **Veja**, 17 de julho de 1996, p. 38-39.

ESPÍNDOLA, Vicente Jorge. **Entrevista concedida a Fabíola Mendonça de Vasconcelos**. Recife, 9 de maio de 2009.

FADUL, Anamaria; REBOUÇAS, Edgard. Por uma perspectiva metodológica para os estudos dos sistemas de mídia: O caso do Nordeste brasileiro como referência. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005, CD-ROM.

FERNANDES, Bob. Os donos do poder. **Carta Capital**, 13, 1995, p. 15-53.

FUNDO do poço. **Veja**, 7 de abril de 1993, p. 77.

JUCEPE – Junta Comercial de Pernambuco. **Certidão simplificada da Rádio Voz do Sertão**. Emitida em 8 de janeiro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Certidão simplificada da Rede Nordeste de Comunicação Ltda**. Emitida em 8 de janeiro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Certidão simplificada da Igopar Ltda**. Emitida em 21 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Certidão simplificada da Agropecuária Lajiúba Ltda**. Emitida em 21 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Certidão simplificada da Clínica de Nefrologia São Vicente Ltda**. Emitida em 21 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Certidão simplificada da Sertamol – Serra Talhada Ltda**. Emitida em 21 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Certidão simplificada da Jamoto Jabotão Motos e Peças Ltda**. Emitida em 21 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Certidão simplificada da Fazenda Cipoal Ltda**. Emitida em 21 de dezembro de 2009.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto – O município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, [1947(1978)].

\_\_\_\_\_. O coronelismo e o coronelismo de cada um. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 23, nº 1, 1980, p. 11 a 14.

LIMA, Venício A. de. **Mídia – Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.



\_\_\_\_\_; LOPES, Cristiano Aguiar. **Rádios comunitárias – Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999-2004)**. 2007. Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor). Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=439IPB001>>. Acesso em: 5 de mar. 2008.

MARTINS, Magno. **Entrevista concedida a Fabíola Mendonça de Vasconcelos**. Recife, 9 de junho de 2009.

MOSCO, Vicent. **The political economy of communication: rethinking & renewal**. London: Sage, 1996.

\_\_\_\_\_. Do mito do ciberespaço à economia política da comunicação digital. In: SOUSA, Helena. **Comunicação, economia e poder**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2006.

MOTTER, Paulino. **A batalha invisível da Constituinte – Interesses privados versus caráter público da radiodifusão no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicadas – Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais. Brasília: UnB, 1994.

OLIVEIRA, Marcos. **Entrevista concedida a Fabíola Mendonça de Vasconcelos**. Recife, 14 de maio de 2009.

PERFIL de Inocêncio Oliveira, com votações importantes avaliadas pelo **Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar**.

PERFIL do deputado federal Inocêncio Oliveira. Transparência Brasil. Disponível em: <[www.transparencia.org.br](http://www.transparencia.org.br)>. Acesso em: 9 jun. 2009.

PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas públicas para radiodifusão e imprensa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. **A radiodifusão e os coronéis da mídia: Uma discussão conceitual acerca do “coronelismo eletrônico”**. Disponível em: <[http://www.e-pers.com.br/produtos.asp?codigo\\_produto=1525](http://www.e-pers.com.br/produtos.asp?codigo_produto=1525)>. Acesso em: 24 nov. 2008.

REBOUÇAS, Edgard. **Os estudos e práticas da economia (e da) política de comunicação na América Latina**. In: SOUSA, Helena. **Comunicação, economia e poder**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2006.

RÊGO, André Heráclio do. **Família e coronelismo no Brasil. Uma história de poder**. São Paulo: A Girafa Editora, 2008.

SANTOS, Suzy dos. Nem só de samba e futebol vivem as tradições históricas brasileiras: O coronelismo eletrônico como herança do coronelismo. 2006a. **IX Congresso Ibercom**. Disponível em: <<http://www.hapaxmedia.net/ibercom/pdf/DosSantosSuzy.pdf>>. Acesso em: 13 de fev. 2008.



---

\_\_\_\_\_. E-Sucupira: o coronelismo eletrônico como herança do coronelismo nas comunicações brasileiras. 2006b. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)**. Disponível em: <[www.compos.com.br/e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos)>. Acesso em: 13 de fev. 2008

\_\_\_\_\_. Os prazos de validade dos coronelismos: A circunscrição a um momento de transição do sistema político nacional como herança conceitual do coronelismo ao coronelismo eletrônico. **Intercom – XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1219-2.html>>. Acesso em: 13 de fev. 2008.

\_\_\_\_\_. Relações incestuosas: Mercado global, empresariado nacional de radiodifusão e líderes políticos locais/regionais. **Intercom – XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal-RN, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0550-2.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

SOUSA, Helena. **Comunicação, economia e poder: uma visão integrada**. In: SOUSA, Helena. **Comunicação, economia e poder**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2006.